

# ABORDAGENS DE ENSINO: A BUSCA DO EQUILÍBRIO

Vanilde Alves Peres<sup>1</sup>

## Resumo

O intuito deste artigo é focar aspectos da abordagem tradicional, compará-los às características das demais abordagens aliando-os a experiências vividas em sala de aula, bem como analisar a influência das teorias de ensino sobre o trabalho dos educadores observando aspectos considerados ultrapassados dentro das atuais características educacionais. Num mundo em constante mudança e no qual se exige o repensar contínuo das ações em sala de aula, percebe-se que muito do que foi proscrito por alguns teóricos pode contribuir para se conseguir bons resultados na educação contemporânea e algumas características que se tenta inserir na educação atual não surte o efeito desejado. Por isso, a importância de se repensar o equilíbrio das estratégias sugeridas nas diversas teorias.

Palavras-chave: educação, mudança, abordagem de ensino.

## Abstract

The purpose of this article is to focus on aspects of the traditional approach, comparing them to the characteristics of the other approaches combining them to experiences in the classroom as well as to analyze the influence of learning theories on the work of educators observing aspects considered outdated within current educational characteristics. In a changing world, in which requires continuous rethinking of actions in the classroom, one realizes that much of what was proscribed by some theorists can contribute to achieve good results in contemporary education and some features that try to insert in current education does not produce the desired effect. Therefore, the importance of rethinking the balance of the strategies suggested in the various theories

Keywords: education, change teaching approach

## INTRODUÇÃO

O homem tem a capacidade de pensar, refletir e fazer as suas escolhas. O que torna esse processo dinâmico é a busca constante a que este se submete em todas as instâncias da sua vida. Pensar a educação, refletir sobre os processos de ensino são parte da ação e da conseqüente mudança que se verifica

---

<sup>1</sup> Coordenadora e professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Iporá - 2012, graduada em Letras e Pedagogia, especialista em Educação para a Diversidade e Cidadania pela UFG, MBA em Recursos Humanos pela Faculdade Anhanguera de Ciências Humanas e mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: vaperes@hotmail.com

ao longo dos tempos levando-se em conta o momento histórico, a cultura de cada povo e os diversos campos em que atua.

Tendo em vista que todos os métodos ou abordagens de ensino têm seus pontos fracos busca-se dentro da ótica da abordagem de ensino tradicional explicitar o que há de importante para os princípios educativos e o que extrapola as idéias do nosso tempo.

É notório que a atuação no campo educacional exige conhecimento das tendências que nortearam o ensino ao longo de sua história e as mudanças observadas nas atuais abordagens a fim de que se reflita sobre a influência que estas refletem na ideologia do ensino. Isso só se torna perceptível na medida em que os educadores se capacitam para avaliar criticamente o sistema vigente e propor mudanças que beneficiem tanto alunos quanto professores ao mesmo tempo em que amplia o conhecimento que alicerça o ato de ensinar.

O referencial teórico adotado neste artigo versa sobre a abordagem tradicional e suas implicações, bem como as demais abordagens ancoradas no livro *Ensino: as abordagens do processo*, da pedagoga Maria da Graça Nicoletti Mizukami, que atua junto à Área de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de São Carlos-SP. A autora especializou-se em Didática, Tecnologia Educacional e Prática de Ensino na República Federal da Alemanha e dedica-se à formação de professores.

Considerando as abordagens teóricas variáveis de acordo com a visão que se tem em relação ao sujeito e ao objeto no processo ensino-aprendizagem, Mizukami considera para efeito de estudos dessa relação as seguintes abordagens: abordagem tradicional, abordagem comportamentalista, abordagem humanista, abordagem cognitivista e abordagem sócio-cultural, sendo que para a autora seria o caso de mencionar uma sexta abordagem, que é a abordagem escolanovista, cuja influência foi e é significativa na formação de professores, no entanto, ela não consta deste estudo tendo em vista ter seus aspectos prioritários citados em outras abordagens ou ainda “pelo fato das demais abordagens analisadas apresentarem justificativa teórica ou evidência empírica e ela não” (MIZUKAMI, p.5, 1986).

Para melhor entendimento das abordagens foram considerados conceitos básicos que as explicitam e guardam entre si uma estreita relação:

homem, mundo, sociedade-cultura, conhecimento, educação, escola, ensino-aprendizagem, professor-aluno, metodologia e avaliação. Todas estas variáveis além de relacionadas necessitam ser observadas continuamente por educadores e teóricos que se dedicam ao estudo e desenvolvimento da educação, pois só assim é possível acompanhar, entender as mudanças que se processam continuamente e inserir novas considerações que acompanhem a evolução do processo ensino aprendizagem.

Com esta compreensão buscam-se elementos que possam dar fundamento à ação docente entendendo que através dos tempos todas essas variáveis passam por contínuas mudanças. Nessa perspectiva o problema em discussão é: *como a abordagem tradicional pode auxiliar na ação docente uma vez que o homem passa por tantas transformações e as variáveis citadas não são estanques ?*

Utilizou-se como método a leitura e comparação de teóricos que abordam o tema com a finalidade de evidenciar características desta abordagem que possam ser úteis ao docente nas diferentes perspectivas de ensino e educação.

Além de Mizukami (1986), temos a análise e comparação das abordagens do processo de ensino aprendizagem sob a ótica de Bordenave (1984), Libâneo (1982) e Saviani (1984) que abarcam critérios diferentes para classificar e agrupar as correntes teóricas.

### **Aspectos históricos e sua influência nas abordagens educacionais**

Discutindo a educação com fundamento no comportamento das comunidades primitivas, cuja base de organização social é a família observa-se aspectos que divergem dos verificados hoje. Por ter a mesma visão de mundo e cultivar os mesmos valores, percebe-se uma educação absolutamente informal naquelas comunidades, assim sendo, a tarefa educativa é responsabilidade das próprias famílias.

Em outra acepção apresentada no texto *Visão de mundo, paradigmas educacionais e concepções de educação*, Paroneto e Vieira relatam que na Grécia antiga eram considerados conceitos resultantes das atividades que praticavam naquela época tais como se dedicar à música e à arte. Além destas atividades, os romanos

Dedicam-se também à prática da ginástica, uma vez que a preocupação da época era manter um corpo atlético saudável e belo. O modelo de homem ideal é aquele que conhece as artes, que pratica esportes e dialoga filosoficamente. Como resultado dessa forma de pensar, temos, nesse momento da história da humanidade, especificamente na cultura grega e romana, uma educação centrada em dois elementos fundamentais: a ginástica para o desenvolvimento do corpo e a música para o desenvolvimento da alma. Aristóteles, filósofo grego, pensava que a escrita, o desenho e a ginástica deveriam ser ensinados aos jovens para auxiliá-los em suas atividades vitais (PARONETO e VIEIRA, 1994, p. 3).

Na idade média constata-se que a educação era considerada instrumento de elevação espiritual. Sob a influência da igreja, a educação era vista como forma de se alcançar a sabedoria e em consequência, a felicidade. Os textos tidos como objeto de estudo eram escritos pelos monges que viviam isolados em mosteiros, fora do convívio social. Certamente essa educação não considerava a vivência em sociedade, uma vez que os instrumentos usados para disseminá-la, não tinham com esta nenhuma relação.

Devido à pressão do povo por escolarização de seus filhos surge na idade moderna dois tipos de educação, um modelo para os filhos de trabalhadores e outro para a classe mais abastada. O ensino para a classe trabalhadora tem por objetivo as atividades econômicas. A educação é embasada em princípios e atitudes como: pontualidade, assiduidade e submissão à autoridade requisitos esses exigidos pelo mercado de trabalho. Devido a essa forma de pensar há ainda uma grande divisão na escola, entre os profissionais da educação bem como a metodologia utilizada na construção do conhecimento e conseqüentemente na aprendizagem do aluno. Na velocidade em que ocorrem as transformações muitas vezes o profissional não tem tempo de assimilá-las o que acarreta a adoção de aspectos novos sem sensíveis mudanças nas abordagens utilizadas e muitas vezes, sem conseguir absorver os conteúdos das abordagens completamente.

É patente que o homem é parte de um contexto que envolve história, sociedade, política, cultura e economia e sua ação no mundo é que o modifica e pode influenciar cada um desses aspectos em particular e a todos de maneira geral, considerando que são categorias interdependentes e em contínua mutação.

Ao ocorrer em domínio mundial, as mudanças interferem também no campo educacional conectadas a valores, princípios e interesses que concebem maneiras de se idealizar o mundo. As exigências de uma política econômico-social

interferem nas políticas educacionais muitas vezes subjugando a ideologia de um país ao sistema de outro, a exemplo de Brasil e Estados Unidos cuja relação econômica gera exigências em relação ao modelo de ensino, propagando a ideia de uma cultura educacional comum entre países de ideologias totalmente diversas. Estas situações geram discussões acerca de princípios e práticas pedagógicas e redefinições no ensino, suas abordagens e preparo de educadores para enfrentamento das situações daí advindas, conforme caracteriza Dourado (2002):

Nas reformas brasileiras, foram determinantes as interferências do Banco Mundial, em completa convergência com o FMI, nas políticas públicas e, no caso da educação, demarcaram uma adesão tecno-economicista como contrapartida dos seus empréstimos e investimentos condicionados à adoção, entre outras, de diretrizes como: o "desenvolvimento de capacidades básicas de aprendizagens necessárias às exigências do trabalho flexível"; a "realocação dos recursos para a educação básica"; a implantação de um sistema de avaliação de desempenho concorrencial e de eficiência; a "implementação de programas compensatórios" de saúde, nutrição etc e a "formação docente em serviço" (DOURADO, 2002, p. 237-238).

O reflexo destas reformas e interferências imprime na educação um caráter utilitarista que prevalece em detrimento da educação em todos os níveis, também entendida como um direito de todo o cidadão. É incontestável que sustenta, desta forma, as contínuas mudanças de abordagens, sem, contudo conseguir manter o acesso e permanência dos alunos na escola, assim como continua a alimentar a diferença de classes.

Esse processo se insere na contramão do que apregoa Saviani sobre “a força homogeneizadora da educação que tem por função reforçar os laços sociais, promover a coesão e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social” (SAVIANI, 1983, p.5).

Verifica-se que a educação disseminada nesse contexto beneficia apenas a população privilegiada, deixando ainda mais patente a heterogeneidade do ensino e a distância entre as classes sociais.

Estes são fatores que direcionam a uma incursão pelos meandros que orientam as diversas abordagens de ensino e suas características. Além disso, são paradigmas que possibilitam o entendimento de modelos ou formas dominantes

pelas quais se percebe uma sociedade. São ainda, formas de pensar, comentar e agir que impulsionam a realidade passada de geração para geração através da educação.

### **A contribuição das abordagens para a educação e a experiência em sala de aula.**

A educação, como todo processo, tem uma história advinda de experiências vividas que convieram em uma determinada época e que ainda embasam o estudo de educadores e pesquisadores os quais se servem de argumentos fundamentados nas certezas de outrora para construir os pilares que embasam a metodologia de ensino que se julga mais adequada na contemporaneidade.

Condizente com este pensamento é importante ressaltar o período na educação brasileira em que se adotou como princípio educacional a Abordagem de Ensino Tradicional como orientação para a ação docente. A revisão de literatura concernente a este período permite compreender as características dessa teoria de ensino na medida em que é comparada à época, ao contexto social, histórico e cultural, fundamentos estes que influenciam o comportamento humano e o direciona.

Como ressalta Mizukami,

Diferentes formas de aproximação do fenômeno educativo podem ser consideradas como mediações historicamente possíveis, que permitem explicá-lo, se não em sua totalidade, pelo menos em alguns de seus aspectos; por isto, devem ser elas analisadas, contextualizadas e discutidas criticamente (MIZUKAMI, 1986, p. 1).

Esse posicionamento distingue a importância de se conhecer bem as abordagens de ensino e seus respectivos contextos para não se cair no extremismo das considerações sobre o “certo” ou “errado”, porém, ter clareza sobre o que foi importante em determinada época e o que deve ser modificado, pois se sabe que este é um processo sempre evolutivo como o próprio homem.

A abordagem tradicional persiste através dos tempos, pois faz parte de um contexto que a exige. Por longo tempo o professor foi o transmissor de

conhecimentos e embora muitos educadores defendam a ideia de que o aluno não é um receptor passivo nota-se que na relação professor-aluno ainda persiste a cultura de que o professor é quem deve falar, o próprio aluno se intitula sujeito aprendente e não um indivíduo crítico e pesquisador.

Para Mizukami, na abordagem tradicional o professor é o centro do processo e cumpre objetivos traçados pela escola e pela sociedade, prioriza-se a educação formal e bases como a família e a igreja. Os níveis culturais a serem alcançados são definidos previamente e o aluno será reprovado caso não consiga atingir a faixa estipulada que é verificada através de provas e exames. A preocupação na transmissão do conhecimento é o quanto se pode acumular e a referência ao passado como modelo a ser seguido e como lição para o futuro. “Este tipo de concepção da educação é encontrado em vários momentos da história, permanecendo atualmente sob diferentes formas” (MIZUKAMI, 1986, p.11).

Bordenave caracteriza essa abordagem como pedagogia de transmissão que “parte da premissa de que as ideias e conhecimentos são os pontos mais importantes da educação e, como consequência, a experiência fundamental que o aluno deve viver para alcançar seus objetivos é a de receber o que o professor ou o livro lhes oferecem” (BORDENAVE, s/d, p.4).

Libâneo considera essa abordagem como liberal em versão conservadora o que condiz com interesses individuais e a divisão da sociedade em classes, seguindo o modelo capitalista que prevalece atualmente. Ao contrário do que deveria ser a filosofia da escola, de acordo com o autor, um lugar onde se aprende

...a ter autonomia e responsabilidade, saber dos seus direitos e deveres, construir sua dignidade humana, ter uma autoimagem positiva, desenvolver capacidades cognitivas para apropriar-se criticamente dos benefícios da ciência e da tecnologia em favor do seu trabalho, da sua vida cotidiana, do seu crescimento pessoal (LIBÂNEO, s/d, p.3).

Esta construção ou desconstrução sugerida por Libâneo perpassa um ideário que está arraigado a interesses econômicos financeiros dominantes e inculcado na própria sociedade e exige uma retomada dos interesses das diferentes classes, o que representa um grande desafio para a educação e para os educadores.

Para Saviani a pedagogia tradicional segue a lógica da transmissão de um acervo cultural aos alunos aos quais “cabe assimilar os conhecimentos que lhe são transmitidos”. Nesta perspectiva o professor “media” o conhecimento, “controla” as ações e “exige” obediência, num procedimento similar ao comportamento organizacional.

Seguindo o raciocínio de Mizukami a próxima análise diz respeito a abordagem comportamentalista, na qual muda-se o foco do professor para o ambiente, mas o aluno não conquista a autonomia. “Aqueles que aprendem através do ambiente natural se acham sob uma forma de controle tão poderosa quanto qualquer tipo de controle exercido por um professor” (Skinner apud Mizukami, 1986, p. 22).

De alguma forma há interferência, moldagem e comportamento coercitivo, quer diretamente ou indiretamente, com o fim de se alcançar um objetivo, que pode ser um conhecimento planejado pelo professor ou algo que o aluno julgue importante aprender, que está relacionado com a integração ao ambiente e portanto a adaptação se faz necessária. Assim, o indivíduo não é inteiramente autônomo está na dependência de uma força externa.

Na abordagem humanista dá-se ênfase a relações interpessoais e embora a centralização esteja no indivíduo é importante salientar que a visão geral é do grupo, o indivíduo procura adequar-se para uma melhor aceitação das pessoas com as quais quer se relacionar. Mizukami ressalta que, de acordo com essa abordagem, o homem, “não é um resultado, cria-se a si próprio”, porém em situações de sala de aula e mesmo em outras vivências o que se pode notar é que ele não vive isolado, a influência do meio e a necessidade de aproximação com outras pessoas o faz “modelar-se” constantemente.

Na abordagem cognitivista a ênfase é dada aos processos cognitivos e na investigação científica sem, contudo considerar os aspectos sociais. “As emoções são consideradas em suas articulações com o conhecimento” (MIZUKAMI, 1986, p.59). A vivência em sala de aula em diversas ocasiões denota uma grande interferência do aspecto emocional na situação ensino-aprendizagem, determinando baixo ânimo e assimilação difícil em situações consideradas emocionalmente abaláveis. A interferência de terceiros, nesse caso, é determinante para a mudança de comportamento do aluno. São raros os casos em que o sujeito consegue dissociar aspectos sociais e emocionais e fluir na aprendizagem.



Na abordagem sociocultural destaca-se na categoria homem e mundo uma importante observação a respeito da capacidade do homem ser o sujeito transformador da sua própria educação “através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quanto mais o indivíduo reflete sobre a realidade, sobre a sua própria situação concreta, mais se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la” (MIZUKAMI, 1986, p.86).

É inegável a contribuição de Paulo Freire para a educação autônoma, considerando a participação do povo enquanto sujeito transformador de um processo cultural, no entanto é necessário lembrar o contexto e situação específica em que ocorreu a alfabetização de centenas de pessoas em um curto espaço de tempo. É importante questionar na atitude humana a responsabilidade na assunção do papel de sujeito de sua própria evolução sem nenhuma mediação direta ou indireta.

A ponderação de Santos também faz menção ao homem crítico e comprometido com o meio em que vive:

Na abordagem sociocultural, o fenômeno educativo não se restringe à educação formal, por intermédio da escola, mas a um processo amplo de ensino e aprendizagem, inserido na sociedade. A educação é vista como um ato político, que deve provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a sociedade e sua cultura. Portanto, deve levar o indivíduo a uma consciência crítica de sua realidade, transformando-a e melhorando-a (SANTOS, 2005, p.25).

Como se pode perceber é um grande desafio a escolha e aplicação dos critérios de cada abordagem considerando a cultura, o homem, o meio em que vive e as forças externas sobrepujantes ao ato de ensinar como desenvolvimento humano e prevalência de sua autonomia.

Embora reconheça que existem muitas variações e diferentes combinações nas teorias do conhecimento, Mizukami considera como básicas as características: primado do sujeito, primado do objeto e interação sujeito-objeto. Bordenave considera o reflexo das opções pedagógicas sobre as ideologias de um determinado contexto por elas considerado. Libâneo considera a educação como um objeto de estudo em contínua mudança que deve ser considerado dentro de um determinado contexto, tendo como critérios o espaço e o tempo em que ocorre.

Para Saviani os critérios para a classificação da teoria são os determinantes sociais, sendo assim o autor classifica as teorias educacionais em

dois grupos, um que considera a educação como fator de marginalização porque funciona como um instrumento de discriminação social, outro que considera a educação como fator de superação da marginalidade uma vez que essas teorias entendem ser a educação um fator de equalização social.

Ao adotar novas teorias de ensino é preciso atentar para a preparação do professor como agente principal do processo quer seja como o foco principal, como mediador ou como estimulador da transformação humana com o fim de atingir a autonomia para que esse profissional se posicione diante de suas escolhas e atue no sentido de promover o aprendizado não só quantitativo como exigem as estatísticas escolares, mas principalmente com foco na qualidade. Como alerta Libâneo “pensar e atuar no campo da educação, enquanto atividade social prática de humanização das pessoas, implica responsabilidade social e ética de dizer não apenas o porquê fazer, mas o quê e como fazer” (LIBÂNEO, s/d, p.2).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que se pode perceber ao discorrer sobre aspectos das abordagens de ensino é que as diversas perspectivas aludidas estão em contínua revisão e que alguns pontos de vista nem sequer são discutidos, permanecendo, obviamente à margem do processo de ensino aprendizagem, quer por sua invalidade, quer por não terem a adesão dos professores que preferem não mudar estratégias que parecem lograr êxito ao longo dos tempos. Por outro lado, “as diferentes classificações não têm limites totalmente fixos e as abordagens teóricas não se constituem em referenciais totalmente puros e fechados sem pontos de interligação” (SANTOS, 2005, p.27)

O que se pode inferir da exposição de Santos é que por se tratar de diferentes vivências não há como ter uma definição única do ato de ensinar, tampouco se pode admitir que o que se estuda ou a forma como se ensina hoje é a ideal para o futuro. O homem, como o mundo e as circunstâncias em que os fatos ocorrem são variáveis. Sendo assim, não se pode considerar que as teorias existentes estejam prontas e acabadas. É preciso ter ainda a percepção que entre elas há sempre pontos comuns considerando o objeto em questão.

De forma análoga se posiciona Mizukami:

O papel da teoria é muitas vezes, limitado. Para alguns aspectos do fenômeno educativo, a explicação das relações envolvidas pode não ser suficientemente desenvolvida ou abrangente, e sua incompletude pode, inclusive, servir de guia ou fornecer elementos para reflexão. Não há teoria que, por sua própria natureza, fins e prioridades, seja elaborada e resista às mudanças sociais, filosóficas e psicológicas, pelo menos do ponto de vista do ser humano que a examina, a utiliza e participa do mundo que o cerca (MIZUKAMI, 1986, p.106).

Nesse sentido, a experiência em sala de aula corrobora a ideia de Mizukami. Uma única teoria não dá conta de todas as situações que ocorrem. O ideal é associar aspectos das diversas teorias que contribuam para a melhoria do processo educacional ou ainda “com um esforço conjunto, percorrer o caminho inverso: o de se tentar elaborar teorias a partir da prática e do cotidiano analisado e questionado” (MIZUKAMI, 1986, p.108).

Conclui-se que a pedagogia tradicional utilizada isoladamente não poderia auxiliar o professor e as instituições de ensino na demanda por uma educação de qualidade na qual o aluno se interesse em buscar seu aperfeiçoamento contínuo e desperte para a necessidade de ser ele mesmo o agente de mudança nos processos educacionais. Por enquanto, permanece a primazia dos órgãos que elaboram os planos de ensino, os quais chegam prontos às mãos do professor que deve executá-los com coerência para não incorrer no erro da repetição sem significado para ele e para o aluno.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDENAVE, Juan E. Dias. **Alguns fatores pedagógicos**. Disponível em: <[http://www.opas.org.br/rh/publicacoes/textos\\_apoio/pub04U2T5.pdf](http://www.opas.org.br/rh/publicacoes/textos_apoio/pub04U2T5.pdf)> Acesso em: 20 jul.2011.

DOURADO, Luiz Fernandes. **Reforma do Estado e as políticas para a educação superior no Brasil nos anos 90**. *Educ. Soc.* [online]. set. 2002, vol.23, no.80, p.234-252. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008000012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008000012&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0101-7330.

LIBÂNEO, José Carlos. **As teorias pedagógicas modernas ressignificadas pelo debate contemporâneo na educação**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/16367378/Teorias-Pedagogicas-modernas-Libaneo>>. Acesso em: 16 jul.2011.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino)

PARONETO, Glaura Moraes; VIEIRA, Vânia Maria de Oliveira. **Visão de mundo, paradigmas educacionais e concepções de educação**. Disponível em: <<http://amigospedagogo.hd1.com.br/projeto/swf/LIVRO%2004%20-%20CD%20%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20sociedade/Cap.2.swf>> Acesso em: 18 jul.2011.

SANTOS, Roberto Vatan dos. "Abordagens do processo de ensino e aprendizagem". **Revista Integração**, Jan/Fev/Mai. 2005, Ano XI, nº 40, p. 19-31.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia (1983)**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6175564/Escola-e-Democracia-Dermeval-Saviani>> Acesso em: 20 jul.2011.